

CASA

VOGUE



COLEÇÕES



artefacto

PRESENTE NOS ENDEREÇOS MAIS COSMOPOLITAS DO MUNDO, HÁ CINQUENTA ANOS A
ARTEFACTO PRODUZ O MELHOR DA MOBÍLIA NEOMODERNISTA BRASILEIRA TIPO EXPORTAÇÃO.

@ARTEFACTOOFICIALBRASIL | ARTEFACTO.COM.BR

50
anni
artefacto











CASA

VOGUE

ABRIL

- 7 **EXPEDIENTE**
 8 **COLABORADORES**
 II **EDITORIAL**
 12 **CASA VOGUE AMA Acervo particular**
 De revestimentos a mobiliário, lançamentos agitam o circuito do design brasileiro
 18 **DESIGN Ideias em colisão**
 A 15ª edição da DW! Semana de Design de São Paulo espalha arte e cultura pela cidade
 24 **DESIGN Alto-relevo**
 Cristián Mohaded transforma descartes de madeira da Etel na coleção Entropia
 28 **ARTE Os bons vizinhos**
 Criativos de diferentes vertentes convivem e trabalham juntos em um edifício paulistano
 32 **ENTREVISTA Nuno Ramos**
 O artista fala sobre criação, ópera, livro autobiográfico, política e tecnologia
 36 **ARTE Ode ao tempo**
 No Parque Vila Velha, artistas respondem a uma paisagem moldada por milhões de anos
 40 **EDIFÍCIOS ASSINADOS Passeio no bosque**
 Mata, música e design autoral definem um novo empreendimento no Paraná
 46 **UNIVERSO CASA VOGUE**
 48 **Léxico familiar**
 Em Curitiba, o arquiteto Luiz Volpato assina um lar multicultural para uma família italiana
 58 **Cabe mais um?**
 As coleções do designer Lucas Recchia preenchem seu apartamento paulistano
 68 **Mestre do pop**
 O artista Claudio Tozzi abre sua casa-ateliê autobiográfica na capital paulista
 78 **Quando em Roma**
 A irreverência criativa do designer Ramdane Touhami marca sua residência na Itália
 88 **Arte é fonte**
 Em São Paulo, Marina Linhares transforma uma casa a partir de uma coleção de arte poderosa
 98 **LAST LOOK Cogumelo mágico**
 No México, a Casa Wabi ganha pavilhão do OMA dedicado ao cultivo de fungos

68

12



NOSSA CAPA

Living da casa do designer Ramdane Touhami em Roma, na Itália

Foto Stefan Giffthaler

No app Globo+, a revista em versão mobile, em PDF, e com updates diários

CASA VOGUE

Diretor de Conteúdo **GUILHERME AMOROZO**

Diretora de Estilo **ADRIANA FRATTINI** Redatora-Chefe **MARIANA CONTE**

REDAÇÃO

Editores **NICOLY BERNARDES** (Decoração) e **RAFAEL BELÉM** (Digital)
Editora-Assistente **CAMILA SANTOS** (Design) Produtora de Conteúdo **LAURA RAFFS**
Produtora Executiva **ADRIANA MORI**

ARTE

Editor **JEFF LEAL** Designer **THAIS ARAÚJO FIGUEIREDO**

COLABORADORES

ANDRÉ KLOTZ, ASAD SYRKETT, BRUNA SCAPIM, CAROL SCOLFORO, CRISTIANO RAIMONDI, DANIELA HIRSCH, DOUGLAS HURI, FILIPPO BAMBERGHI, FRANCO AMENDOLA, GABRIELA LONGMAN, JOSÉ AMÉRICO JUSTO (REVISÃO), REGINA GALVÃO, RICARDO GODEGUEZ (ARTE), RUY TEIXEIRA, STEFAN GIFTTHALER E VANESSA D'AMARO

EDIÇÕES | GLOBO CONDÉ NAST

Diretora Geral **PAULA MAGESTE**

Assistente Executiva **MARCIA CAETANO**

PUBLICIDADE

Diretora de Negócios **ANITA CASTANHEIRA** (acastanheira@globocondenast.com.br)
Gerente Comercial **FLAVIA GOZOLI** (fgozoli@globocondenast.com.br)

ESTÚDIO DE CRIAÇÃO

Gerente de Projetos **MARINA CHICCA** (mchicca@globocondenast.com.br)

MARKETING | NOVOS NEGÓCIOS

Gerente de Marketing **DANIELA LAURENTI** (dlaurenti@globocondenast.com.br)
Analista de Marketing **GABRIELA KELAB** (gsilva@globocondenast.com.br)

ESTRATÉGIAS DIGITAIS

Diretor de Planejamento **KITO FRANCESCHI** (kitofranceschi@globocondenast.com.br)
Analista de Estratégias Digitais **JONATAS PEREIRA DE OLIVEIRA** (jpoliveira@globocondenast.com.br)
Analista de SEO **BEATRIZ SANTOS DA CRUZ** (bcruz@globocondenast.com.br)

COMUNICAÇÃO E EVENTOS

Diretora de Comunicação e Eventos **CAROLINA CORRÊA** (ccorrea@globocondenast.com.br)
Coordenadora de eventos **MAYARA SOUTO** (msouto@globocondenast.com.br)

PUBLICIDADE CENTRALIZADA

Diretor Nacional de Negócios **SAMUEL SABBAG**
Diretor de Desenvolvimento de Audiência e Comercial **TIAGO AFONSO**
Diretores de Negócios Multiplataforma **EMILIANO MORAD HANSENN, JOÃO MEYER, LILIAN BAIMA E ROBERTA FAIRBANKS**

PUBLICIDADE RIO DE JANEIRO E BRASÍLIA

Diretor de Negócios Multiplataforma **MARCELO LIMA DA CUNHA MATTOS**
Gerentes de Negócios Multiplataforma (RJ)
DARLENE BASTOS CAMPOS, MONICA MONNERAT
Diretor de Negócios Multiplataforma (DF) **LUIZ FERNANDO DE ALMEIDA MANSO**

PUBLICIDADE REGIONAL

PARANÁ | SANTA CATARINA | RIO GRANDE DO SUL
JAZZ REPRESENTAÇÕES com Claudia Weber (cweber@jazz.ppg.br)
MILÃO OBERON MEDIA com Mr. Angelo Careddu (contact@oberonmedia.com)

CONSELHO ADMINISTRATIVO

FREDERIC ZOGHAIB KACHAR, CHRISTIANE CLARE MACK, MANUELA U. C. DE MATTOS, RAFAEL MENIN SORIANO, TIAGO AFONSO E WESTCOTT ROCHETTE

CASA VOGUE é uma publicação das Edições Globo Condé Nast S.A.
Rua Gerivatiba, 207, Butantã, São Paulo, SwP CEP 05501-030

Atendimento e assinaturas: Tel. 4003-9393 | WhatsApp e Telegram (11) 4003-9393
www.assineglobo.com.br

Horário de atendimento: de segunda-feira a sábado, das 8 às 15h

IMPRESSÃO Ipsis Gráfica e Editora S/A.
Rua Vereador José Nanci, 151, Parque Jacatuba, Santo André, SP

DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL SPDL - São Paulo Distribuição e Logística

PUBLISHED BY CONDÉ NAST

Chief Executive Officer **ROGER LYNCH**

Chairman of the Board **JONATHAN NEWHOUSE**

Chief Revenue Officer **ELIZABETH HERBST-BRADY**

Chief Content Officer **ANNA WINTOUR**

Chief Financial Officer **NICK HOTCHKIN**

Chief People Officer **STAN DUNCAN**

Chief Corporate Affairs and Communications Officer **DANIELLE CARRIG**

Chief Product and Technology Officer **VASANTH WILLIAMS**

Chief Content Operations Officer **CHRISTIANE MACK**

EDIÇÕES GLOBAIS

ALEMANHA AD, Condé Nast Traveller, Glamour, GQ, Vogue
ESPANHA AD, Condé Nast Traveler, Glamour, GQ, Vanity Fair, Vogue
ESTADOS UNIDOS AD, Allure, Ars Technica, Bon Appétit, Condé Nast Traveler, epicurious, Glamour, GQ, Pitchfork, Self, Teen Vogue, them., The New Yorker, Vanity Fair, Vogue, Wired
FRANÇA AD, GQ, Vanity Fair, Vogue
ÍNDIA AD, Condé Nast Traveller, GQ, Vogue
ITÁLIA AD, Condé Nast Traveller, GQ, La Cucina Italiana, Vanity Fair, Vogue, Wired
JAPÃO GQ, Vogue, Wired
MÉXICO E AMÉRICA LATINA AD, Glamour, GQ, Vogue, Wired
ORIENTE MÉDIO AD, Condé Nast Traveller, GQ, Vogue, Wired
REINO UNIDO Condé Nast Johansens, Condé Nast Traveller, Glamour, GQ, House & Garden, Tatler, The World of Interiors, Vanity Fair, Vogue, Vogue Business, Wired
TAIWAN GQ, Vogue

PUBLICAÇÕES EM SOCIEDADE

BRASIL Casa Vogue, Glamour, GQ, Vogue

PUBLICAÇÕES SOB LICENCIAMENTO OU COPYRIGHT COOPERATION

ÁFRICA DO SUL Glamour, GQ, House & Garden
AUSTRÁLIA GQ, Vogue
BULGÁRIA Glamour
CHINA AD, Condé Nast Traveler, GQ, Vogue
COREIA DO SUL Allure, GQ, Vogue
ESCANDINÁVIA Vogue
FILIPINAS Allure, Vogue
GRÉCIA Vogue
HOLANDA Vogue
HONG KONG GQ, Vogue
HUNGRIA Glamour
POLÔNIA Glamour, GQ, Vogue
PORTUGAL GQ, Vogue
REPÚBLICA CHECA E ESLOVÁQUIA Vogue
SINGAPURA Vogue
TAILÂNDIA GQ, Vogue
TURQUIA GQ, Vogue
UCRÂNIA Vogue

COLABORADORES

Veia criativa

Munidos de fôlego e inspiração, os profissionais abaixo traduzem em texto e imagem o universo dos personagens da edição

RUY TEIXEIRA

É tetra! O fotógrafo visitou nada menos do que quatro endereços paulistanos para capturar as imagens de quatro histórias diferentes deste número: a coleção desenhada pelo argentino Cristián Mohaded (pág. 24), e as moradas do designer Lucas Recchia (pág. 58), do artista Claudio Tozzi (pág. 68) e de uma família de colecionadores, decorada por Marina Linhares (pág. 88)

FILIPPO BAMBERGHI

Já perdemos a conta de quantas vezes tivemos o privilégio de peregrinar pela capital paulista com o fotógrafo italiano para registrar os locais mais interessantes da DW! Semana de Design de São Paulo (pág. 18). Ele, que não desperdiça a chance de se divertir, como fez no ateliê da artista Marina Sader (abaixo e na pág. 28), ainda clicou o impressionante projeto de Luiz Volpato em Curitiba (pág. 48)

DANIELA
HIRSCH

Apaixonada por pautas que envolvem os campos do morar e dos negócios, a jornalista com mais de 25 anos de experiência foi a escolha perfeita para contar os detalhes do empreendimento Jardins Artefacto by Swell. A partir da pág. 40, em *Passeio no bosque*, ela esmiúça o projeto na capital paranaense que une arquitetura, natureza e design

Gabriela
Longman

A relação da jornalista e curadora com Nuno Ramos não começou agora: além de outras entrevistas, ela fez parte da performance do artista *Marcha à Ré*, em 2020, com o Teatro da Vertigem, dirigindo em reverso um dos mais de 100 carros da Avenida Paulista até a Consolação. Numa nova conversa com o artista (pág. 32), ela traz reflexões sobre arte e vida, e ainda curiosidades acerca dos próximos trabalhos de Nuno



A Editora Globo e as Edições Globo Condé Nast estão ao seu lado para garantir a segurança da sua assinatura e de seus dados. Por isso, estamos sempre atentos às melhores práticas para que você aproveite nossos serviços com total confiança.

Confira algumas dicas de segurança:

Central de atendimento: Nunca pedimos o código de segurança do seu cartão de crédito por telefone. O código de segurança é formado por aqueles 3 dígitos impressos no cartão. Se receber uma ligação solicitando essa informação, desconsidere e não forneça!

SMS ou WhatsApp: A Editora Globo e as Edições Globo Condé Nast nunca enviam links para preenchimento de dados de pagamento. Caso receba algum link com um formulário solicitando os dados de cartão, desconsidere e não preencha!

Multa indevida: Nunca enviamos links, mensagens ou fazemos ligações para quitação de valores em aberto ou com cobrança de multa pelo cancelamento da sua assinatura.

Cobrança em domicílio: A Editora Globo e as Edições Globo Condé Nast nunca enviam cobradores a domicílio. Se alguém se apresentar como representante da Editora Globo ou Edições Globo Condé Nast para cobrar uma quantia em casa, desconsidere e não atenda!

Boleto bancário: Fique atento às informações do boleto bancário. Antes de efetuar o pagamento, confira o CNPJ e o beneficiário na tela de pagamento.

FIQUE ATENTO ÀS TENTATIVAS DE FRAUDE

Canais oficiais de atendimento:

São Paulo e demais localidades: 4003-9393
WhatsApp ou Telegram: (11) 4003-9393
Horário de Atendimento: de segunda à sábado
das 08:00 às 15:00.

ines249



Explora
JOURNEYS

*Às vezes, o melhor hotel
não é um hotel.*

VIVA O OCEAN STATE OF MIND



TODAS AS SUÍTES DE FRENTE PARA O MAR | ITINERÁRIOS IMERSIVOS
GASTRONOMIA PREMIADA | BEM-ESTAR HOLÍSTICO | DESIGN EUROPEU SOFISTICADO

EXPLORAJOURNEYS.COM

Entre em contato com seu agente de viagens de preferência ou ligue para +55 11 2500 0458



Objetos de companhia

Uma das visões mais cativantes que se pode tirar da leitura dos escritos de Bruno Munari (1907-1998) é a forma profundamente humanista, quase animista, com que ele enxergava os objetos que nos cercam. Para o italiano, é como se fossem entidades dotadas de personalidade, com quem somos capazes de estabelecer relações utilitárias, claro, mas também afetivas. Multidisciplinar até dizer chega – designer, artista, arquiteto, escritor, educador e filósofo (não necessariamente nessa mesma ordem) –, ele defendia que os objetos têm uma espécie de linguagem própria, formada a partir do uso que fazemos deles. Segundo Munari, quem vive rodeado de objetos bem pensados desenvolve, ao longo dessa convivência, uma sensibilidade diferente para o mundo. Essa noção é chave para entender aquilo a que chamamos de colecionismo contemporâneo, tema da edição de abril da *Casa Vogue*. No nosso caso, falamos especificamente de coleções de arte e design, lógico.

Na revista que você tem em mãos, o pensamento de Munari ganha eco especialmente no apartamento do designer Lucas Recchia (pág. 58). Autor de mesas, luminárias e espelhos únicos, cujas edições limitadas aproximam seu trabalho do universo da arte, Lucas ocupa os 50 m² do lar com itens de gente como irmãos Campana, Tunga e Harry Bertoia. E sabe exatamente por que o faz: “Essa é a minha forma de conviver com as obras e respeitar esses artistas, assim como espero que minhas peças sejam vistas e respeitadas no futuro”.

Essa mesma relação metonímica de “convivência entre pares” ocorre nas demais residências visitadas neste mês de SP-Arte (a feira de arte e design onde mais uma vez a *Casa Vogue* está presente): na joia projetada por Luiz Volpato para um casal italiano em Curitiba (pág. 48), fãs incondicionais de artistas brasileiros, móveis da Edra e dos... irmãos Campana!; na galeria particular de colecionadores paulistanos



GUILHERME AMOROZO
Diretor de conteúdo

convertida em refúgio por Marina Linhares (pág. 88); na morada que Decio Tozzi e Isay Weinfeld conceberam para Claudio Tozzi expor os trabalhos de toda a carreira (pág. 68); e no apartamento renascentista romano do diretor criativo Ramdane Touhami, classificado por ele como “um lar que parece um museu” (pág. 78 e capa).

Antes de tudo isso, há ainda a entrevista de alto nível que o multiartista Nuno Ramos concedeu à repórter Gabriela Longman (pág. 32) e as andanças do editor Rafael Belém pelo mais novo espaço brasileiro de arte a céu aberto, no Paraná (pág. 36), e por um edifício paulistano onde uma cena artística está nascendo (pág. 28), além dos destaques da nossa cobertura da temporada de design de São Paulo (pág. 12), com DW! e Expo Revestir.

Enfim, uma edição repleta de caminhos que levam à arte e ao design como modo de vida. O colecionismo que nos interessa, afinal, não é o que trata das cifras, mas o mesmo de Munari. Aquele que se revela acessível, se não pelo preço, pela maneira com que transforma o cotidiano de quem vive circundado por coisas que se comunicam conosco. Boa leitura! ●

ines249

CASA VOGUE AMA



ACERVO PARTICULAR

Entre a Expo Revestir e a DW! Semana de Design de São Paulo, dezenas de bons produtos foram lançados. A seguir, alguns que podem estar em qualquer coleção

POR CAMILA SANTOS



Bar e carrinho Jazz, design Giorgio Rubega, Henrique Stabile e Jessica Marques, do Estúdio Oune, para a Vêtri, R\$ 46.700 (bar) e R\$ 14.500 (carrinho)

CASA VOGUE AMA



1 Mesa Modulata, design Carla Cruz e Phil Pinheiro, da ESD, para a América Móveis, R\$ 10.900 o modelo de couro ou camurça **2** Luminária pendente Ervilha, de Bianca Barbato, R\$ 11.095 **3** Tapeçaria Crisálida, do projeto 1+1+By Kamy, da By Kamy, R\$ 6 mil o modelo com 1,15 x 1,02 m **4** Luminária Dupla, design Gustavo Cedroni e Martin Corullon, do Metro Arquitetos, para a Lumini, R\$ 4.980 **5** Lavatório de piso Cos Alta, design Estúdio Orth para a Vallvé, R\$ 27.980 **6** Revestimento cerâmico Cariri, 30 x 11,5 cm, 25 x 11,5 cm e 20 x 11,5 cm, design Marília Pellegrini para a Manufatti, R\$ 55 cada **7** Cadeira Arco, de André Gurgel e Felipe Bezerra, do Mula Preta, a partir de R\$ 80 mil



CASA VOGUE AMA



1 Cadeira Botânica, design Marina Linhares para a Patio Brasil, R\$ 3.785,30 o modelo com tecido Canar Green **2** Cobogó Calu Luz Dupla, design Calu Fontes para a Decortiles, R\$ 42,24 cada **3** Bicas, torneiras e misturadores das linhas Hatch e Pedra, design Studio MK27 para a Docol, protótipo **4** Mesa Aberto, design Claudia Moreira Salles para a Etel, R\$ 9.700 **5** Mesa de centro Orifícios, de Augusto Ribeiro, da Breve, R\$ 14.499 **6** Revestimento cerâmico Matter Amber, da Portobello, protótipo **7** Cuba redonda Etrusco, da Deca, na Casa Dexco, R\$ 799 **8** Castiçal Nex 01, de Jader Almeida, da Jaderalmeida Little Wishes, R\$ 830 cada



5



6



7



8

DESIGN

IDEIAS EM COLISÃO

EM SUA EDIÇÃO MAIS LONGA, A 15ª DW! SEMANA DE DESIGN DE SÃO PAULO REAFIRMA O PAPEL CULTURAL E SOCIAL DO DESIGN NO PAÍS – A SEGUIR, NOSSOS DESTAQUES ENTRE SUAS MAIS DE 100 AÇÕES

POR CAMILA SANTOS, MARIANA CONTE, NICOLY BERNARDES E RAFAEL BELÉM

ESTILO ADRIANA FRATTINI **PRODUÇÃO** BRUNA SCAPIM **FOTOS** FILIPPO BAMBERGHI



É D O B R A S I L

O design nacional foi celebrado na exposição *Casa Brasileira*, armada na sede da Boobam, em Pinheiros. Lançamentos de 15 designers e estúdios selecionados pela curadoria da plataforma foram exibidos lado a lado, convidando o visitante a enxergar possibilidades inéditas de composições. O ambiente da foto, por exemplo, reuniu mesa de Vinicius Siega, poltronas do Mezas e tapete da Dada, em um cenário marcado por cores saturadas. boobam.com.br

G E O M E T R I A

C O S T U R A D A

Uma colaboração inédita entre o arquiteto Mauricio Arruda, a dupla Søren Hallberg e Victor Huggo Xavier, do Assimply Studio, e Rafael de Oliveira, da Retropy, dá novo destino a sobras de pedras ao transformá-las em tampos de mesas de apoio com superfícies de forte caráter gráfico. A coleção Retalhos é composta por peças que nascem de uma afinidade criativa construída ao longo de anos. Os tampos circulares de diferentes dimensões se organizam em faixas que alternam mármore e granilite, em composições que evocam o *color blocking* da moda, reinterpretado em matéria mineral. Fragmentos de Verde Guatemala, Travertino Vermelho e Alicante Rosso, oriundos de refugos de corte, formam desenhos que lembram marchetaria em pedra. Pés de alumínio polido equilibram o conjunto e evidenciam o rigor dos móveis. [instagram.com/mauricioarrudacasa](https://www.instagram.com/mauricioarrudacasa)



C O N F O R T O D O L A R

Um dos pontos mais relevantes da Semana de Design paulistana, a Galeria Metrópole recebeu uma exposição que atraiu milhares de visitantes. *Dentro de Casa*, idealizada por Daniel Virgnio e Natália Martucci, ocupou uma área do edifício que permanecia fechada havia 25 anos. A proposta reuniu itens (entre eles, diversos lançamentos) de mais de 30 designers brasileiros em composições que recriavam ambientes domésticos, revelando como o design participa, de maneira silenciosa, da construção de identidades e modos de viver. Na foto, sofá de André Grippi, biombo de Derek Fernandes, poltrona de Pedro Luna, mesa de centro de Daniel Wilges, com escultura de Aline Angeli e Ludymila Louise, e tapete da Leva Oficina. [instagram.com/cafofododani](https://www.instagram.com/cafofododani) e [instagram.com/nataliamartucci__](https://www.instagram.com/nataliamartucci__)



DESIGN

U M D I A N O S P A

Além de ambientações inovadoras assinadas pelo escritório AR Arquitetos com produtos do portfólio da marca, a novíssima Casa Docol, na Alameda Gabriel Monteiro da Silva, abriga o Kur Wellness São Paulo, primeira unidade na capital paulista derivada do Kurotel, centro de saúde fundado em Gramado, RS, nos anos 1980. Ali, os clientes têm a oportunidade de vivenciar os protocolos do spa aliados às soluções da Docol, como saunas, banheiras terapêuticas e sistemas de hidromassagem e cromoterapia. docol.com.br/br/casa-docol e kurotel.com.br/kur-wellness-sp



N O V O C L Á S S I C O

Marcel Wanders chegou à DW! com uma provocação: e se a banheira pudesse ser também mobiliário da ala social da casa? Na Roca São Paulo Gallery, o designer holandês propôs a instalação *A Design Journey*, com peças da coleção The New Classic, da Laufen, em um ambiente que simulava salas de estar e jantar. Os objetos saíram do banheiro, assumiram protagonismo e fizeram os visitantes repensarem as fronteiras entre íntimo e social. Com 30 anos de carreira e trabalhos para marcas como Moooi, Louis Vuitton e Flos, Wanders mantém uma assinatura reconhecível: o lúdico a serviço do humanismo. "No futuro, nos importaremos com as coisas que são realmente humanas, feitas por pessoas", disse ele durante a inauguração. laufen.com.br





MEMÓRIA

PRESENTE

Não é todo dia que se pode visitar um apartamento de 1962 e encontrar tudo quase intacto: a arquitetura modernista revela como os habitantes de São Paulo moravam, móveis vintage resistem ao tempo e coleções transformam o cenário em algo entre casa e museu. Durante a DWI, o imóvel – no mesmo edifício da Galeria Vila Nova, na Vila Nova Conceição – abriu as portas para visitas guiadas. O espaço foi organizado pelo fotógrafo Beto Riginik, e a curadoria ficou a cargo da Gozto, galeria carioca liderada por Sergio Zobarán, com direção criativa de João Victor Lioi. [instagram.com/galeria_vilanova](https://www.instagram.com/galeria_vilanova)

REINO DAS ARTES

Na Praça da República, a mostra *Raízes em Permanência – Ancestralidade como Futuro Coletivo* apresentou um espaço de criação efervescente, com curadoria da Casa Reina, iniciativa idealizada pela arquiteta Michele Wharton. O projeto reuniu mais de 25 artistas afro-latinos e indígenas e propôs a ancestralidade como força ativa no design brasileiro contemporâneo, articulando práticas que incluem arte, mobiliário e moda. Brenda Guimarães, Fabricio D'art, Giovanna Arruda, Pietro Oliveira, Zé Arns, além de outros criadores, fizeram parte da exposição. [instagram.com/casarreina](https://www.instagram.com/casarreina)



DESIGN



CÍRCULO VIRTUOSO

A coleção Círculos comemora os 10 anos do selo EcoBreton, conjunto de práticas ambientais e sociais que orientam a atuação da Breton. Suas novidades renovaram o showroom da marca na Alameda Gabriel Monteiro da Silva. Nesta primeira série de lançamentos, três designers assinam linhas com peças que valorizam a sensorialidade. Entre elas, a poltrona Lúmen, de Victor Vasconcelos (à esq.), o sofá Tuju, idealizado por Luisa Moysés, e a poltrona Tori, de Bruno Niz. breton.com.br

SINTAXE DA FORMA

No oitavo andar do edifício Gibraltar, obra modernista de Oswaldo Bratke, o ateliê de Leticia Txa abriu ao público especialmente durante a DWI!, revelando uma prática que equilibra precisão formal e experimentação. Designer gráfica, artista plástica e arquiteta, ela transita entre pintura, serigrafia e risografia, com interesse por figuras geométricas, composições sintéticas e uso de cores sólidas. Seu trabalho valoriza o gesto manual e a materialidade, construindo uma linguagem ancorada na investigação da forma e na força expressiva daquilo que ela considera essencial. [instagram.com/leticiatxa](https://www.instagram.com/leticiatxa)





A R Q U I V O

V I V O

Memória, tempo e design se entrelaçaram na exposição *Casa Alma Brasileira*, projeto do arquiteto e pesquisador Gabriel Fernandes para a Feira na Rosenbaum, durante a DWI!. A instalação nasceu das pesquisas realizadas por Cris Rosenbaum e se desdobrou como um percurso por camadas do design brasileiro, reunindo peças de nomes como Sergio Rodrigues, Lina Bo Bardi e Estúdio Campana, além de novos talentos da feira. Essa conexão entre passado e presente revela como encontros, afetos e processos moldam a identidade do design nacional contemporâneo, reafirmando o papel da feira como plataforma de difusão e valorização da produção autoral brasileira. [instagram.com/gabrielfernandesarq](https://www.instagram.com/gabrielfernandesarq) e [instagram.com/feiranarosenbaum](https://www.instagram.com/feiranarosenbaum)

DESIGN

ALTO-RELEVO

A PARTIR DE DESCARTES DE MADEIRA
DA PRODUÇÃO DA ETEL, O DESIGNER
ARGENTINO CRISTIÁN MOHADED CONCEBE
A COLEÇÃO ENTROPIA

TEXTO VANESSA D'AMARO **FOTOS** RUY TEIXEIRA/DIVULGAÇÃO



O totem Axial, com mais de 2 m de altura, ganhou placas de madeira esculpidas à mão a partir de sobras de freijó e cedro da produção da Etel. Na pág. anterior, o detalhe de uma das placas revela o cuidadoso entalhe das madeiras

DESIGN



“O DESIGN LATINO-AMERICANO VEM ATRAVESSANDO FRONTEIRAS FAZ TEMPO”

CRISTIÁN MOHADED

O TERRITÓRIO, A MEMÓRIA E O TRABALHO manual são centrais na trajetória de Cristián Mohaded. Nascido em Recreo, na província de Catamarca, norte da Argentina, o designer, formado em desenho industrial pela Universidad Nacional de Córdoba, desenvolve há duas décadas peças escultóricas que tensionam os limites entre design e arte.

Esse repertório conceitual, pautado pela investigação constante sobre suas raízes e a materialidade latino-americana, o tornou uma voz importante no design contemporâneo global. Em 2021, com a exposição *Território Híbrido*, no Museo Nacional de Arte Decorativo, em Buenos Aires, revisitou a história do design argentino ao evocar criações de Jean-Michel Frank (1895-1941) e Ignacio Pirovano (1909-1980), propondo um diálogo com a produção atual.

Vivendo entre Milão e Buenos Aires, Cristián colabora hoje com diversas marcas europeias: já criou para a série *Objets Nomades*, da Louis Vuitton, e trabalhou com a francesa Roche Bobois e as italianas Loro Piana e CC-Tapis. Nesse trânsito

internacional, aproximou-se da Etel, fundada pela designer Etel Carmona e hoje comandada por sua filha, Lissa Carmona.

Ao ver o trabalho do argentino em Milão, Lissa identificou uma afinidade de valores – em especial pela maneira como ele articula o design contemporâneo com o fazer artesanal. “Tem algo que me encantou imediatamente: ele trabalha com suas origens, seu repertório nacional e os anseios do mundo contemporâneo”, revela. “Cristián é um artista, como todos os grandes designers.”

O encontro o levou à fábrica da Etel, em Valinhos, SP. Ao observar o trabalho dos artesãos, interessou-se pelos descartes da produção – pequenos pedaços de freijó e cedro, à primeira vista difíceis de reaproveitar. A partir dessas sobras, resgatou o conceito de entropia e propôs a ideia de olhar para dentro para organizar o que está disperso. “Essas madeiras fazem parte de um legado, de uma história e de um modo de produção”, diz Cristián.

Na prática, porém, havia um desafio evidente: transformar fragmentos irregulares

de madeira em esculturas robustas exigia horas de trabalho manual e um olhar atento aos detalhes – tarefa delegada à dedicada equipe da Etel.

O resultado é uma coleção composta por nove peças – dois totens, bufê, console, duas mesas, luminária e dois espelhos – que se aproximam de obras de arte. “Elas são extremamente sofisticadas. Nenhuma é replicável”, explica Lissa. Cristián acredita que esse trabalho reforça seus laços culturais com o Brasil. “Existe uma sinergia muito particular entre Brasil e Argentina. Há um DNA que nos une”, reflete. Entre suas referências, cita Fernando e Humberto Campana, decisivos em sua trajetória internacional ao selecioná-lo para o Salone Satellite, em Milão, em 2018.

Para ele, a força do design dessa região reside na capacidade de mobilizar tradições. “O design latino-americano vem atravessando fronteiras faz tempo. Isso tem a ver com a maneira como trabalhamos com os materiais, com nossas histórias e com nossos saberes”, finaliza. A nova coleção comprova com êxito essa visão. ●



O aspecto escultórico dos móveis se revela no bufê, cujas placas de madeira robustas chegam a lembrar rochas. Na pág. anterior, à esq., Cristián posa diante dos totens da coleção Entropia; e, à dir., um dos espelhos desenvolvidos pelo designer com moldura de madeira esculpida

Fundada por Luis Guido em 2022, a marca Call Jim surpreende com cerâmicas de formatos geométricos, estampas listradas e paleta de cores vibrantes. Na pág. seguinte, fachada do edifício Stig, projetado por Rino Levi em 1943



OS BONS VIZINHOS

ARTISTAS DE DIFERENTES LINGUAGENS OCUPAM UM MESMO EDIFÍCIO NO CENTRO DE SÃO PAULO E TRANSFORMAM O COTIDIANO EM CAMPO FÉRTIL DE CRIAÇÃO COMPARTILHADA

POR RAFAEL BELÉM

ESTILO ADRIANA FRATTINI

PRODUÇÃO BRUNA SCAPIM

FOTOS FILIPPO BAMBERGHI



NEM SEMPRE É POSSÍVEL CRAVAR O MOMENTO EXATO EM QUE UM LUGAR COMEÇA A MUDAR DE STATUS. Às vezes, não há marco, inauguração ou discurso. O que existe é uma sequência de decisões individuais que, vistas em conjunto, passam a desenhar um movimento. Na Rua Martins Fontes, no centro de São Paulo, um edifício projetado por Rino Levi nos anos 1940 guarda, por trás de sua racionalidade modernista, uma série de ateliês, que funcionam como pequenas células de inventividade. Lá dentro, revelam algumas das práticas mais instigantes em curso hoje nessa região da cidade – que puderam ser descobertas pelo público durante a 15ª DW! Semana de Design de São Paulo.

Antes de qualquer noção de um coletivo, havia o espaço vazio e alguma intuição. “O encontro aconteceu durante uma passagem rápida em frente ao prédio, pela luz natural que entrava ali, pelo espaço livre e o que poderia vir a existir naquele lugar”, lembra a ceramista Amanda Tozetti, a primeira artista a se instalar em um dos andares do edifício Stig. Não havia vizinhos nem promessa de ocupação. O que se seguiu foi uma aproximação contínua, segundo ela. “Percebi o potencial quando comecei a ver diferentes linguagens coexistindo entre os ateliês.”

A presença de novos artistas veio por pura química. Um visitava, indicava, voltava com outro colega. Aos poucos, a cena ganhou contorno, embora a povoação não tenha sido homogênea – ao contrário, cada chegada ampliou distinções. “Fico extremamente feliz com os jeitos diferentes de cada um existir como ateliê, como negócio e como rotina”, comenta Amanda. E, assim, aos poucos, o espaço passou a ser habitado por conversas, fluxos e interrupções. “Tornou-se menos hermético.”

No segundo andar, no ateliê ao lado do de Amanda, Marina Sader desenvolve uma pesquisa que recusa fixidez. Desenho, luz, corpo e espaço aparecem como partes de um mesmo processo, que se desdobra conforme a



Abaixo, a ceramista Amanda Tozetti, que abre seu ateliê para turmas dedicadas à experimentação. Na pág. anterior, em sentido horário, a partir da foto no alto à esq.: Jade Marangolo posa entre tecidos com estampas autorais e cadeiras da coleção Epifania, sobre o tapete Mergulho; Marina Sader diante das telas *Sapatinhos da Noite* e *Céu da Boca*, de giz pastel; as cerâmicas utilitárias de alta temperatura de Priscila Nakamoto dividem espaço com peças que evocam a iconografia brasileira de Diego Rosendo; e o ateliê de Rodrigo Branco, de onde nascem pinturas e cerâmicas



escala ou o suporte. “Estar em um prédio onde existem diversos artistas com suas linguagens é algo que me inspira diariamente”, afirma. O convívio, ela conta, é um estímulo direto, já que ao circular entre os ateliês, observar técnicas e abrir conversas, seu trabalho incorpora referências e características que dificilmente surgiriam em isolamento.

AFINIDADES EM CONSTRUÇÃO

Se as linguagens variam, há um ponto de contato que se repete: o compromisso com o feito à mão. Para Luis Guido, nome por trás da marca Call Jim, essa relação é antiga. “Sempre fui manual, sempre criei coisas para mim”, conta. Na cerâmica, encontrou um campo onde função e expressão se misturam sem hierarquia. Suas peças, de cores vibrantes e combinações abertas, partem de desenhos simples, geométricos. “Não existe coleção, existem possibilidades”, pontua, acrescentando que, para ele, não há sentido em fazer sucesso sozinho.

Entre mesas, tornos e fornos, Diego Rosendo e Priscila Nakamoto compartilham um espaço onde a prática é marcada pela observação mútua. “Esse ecossistema criativo age de forma invisível”, diz o recifense. Sua produção, definida por referências à cultura popular e à religiosidade, parte de memórias que insistem em permanecer. “Trazer isso para o meu trabalho é uma forma de me reconectar com minhas raízes.” Priscila, por outro lado, investiga a precisão do gesto e a construção da cor para a sua marca, a Naka Cerâmica. “O fazer manual me ensina a desacelerar. É um caminho de dentro para dentro.”

Nessa espécie de vila vertical, a troca acontece de maneira contínua. “Contamos com o apoio e disponibilidade para aprender as diferentes técnicas uns com os outros”, comenta Priscila. Mas o contato também se dá em situações corriqueiras: “Muitas vezes paramos para tomar um café e comer um bolo juntos”, resume Diego. São pausas que não interrompem o trabalho, mas abrem possibilidades para cada um deles.

No sexto andar, Jade Marangolo transita entre pintura, estamparia e superfícies diversas, levando o desenho para escalas variadas, incluindo mobiliário. Suas criações nascem da observação da natureza e da cultura brasileira, com atenção constante ao processo manual. Rodrigo Branco, outro vizinho, articula pintura e ensino em um mesmo fluxo. Sua obra é construída a partir de lembranças e arquivos pessoais. “A memória é viva. O desejo de homenagear meus familiares está no centro”, diz.

Essa teia formada entre os andares do edifício não depende de um discurso comum nem de uma estética compartilhada. A força está na convivência entre práticas que se mantêm autônomas, mas permeáveis. Entre portas abertas, visitas improvisadas e colaborações em curso, o trabalho deixa de ser um gesto isolado e passa a sofrer a influência dos outros. É nesse intervalo, entre o que se faz sozinho e o que se constrói junto, que o endereço paulistano revela sua força. ●

ENTREVISTA



Nuno Ramos posa em sua casa com maquete do cenário que fará parte de *Intolleranza*, ópera que dirige e estreia em maio no Theatro Municipal de São Paulo

NUNO

RAMOS

PRESTES A ESTREAR UMA ÓPERA SOBRE A SEGUNDA GUERRA E A LANÇAR UM LIVRO DE FUNDO AUTOBIOGRÁFICO, O ARTISTA DETALHA SEU COTIDIANO CRIATIVO E O ASSOMBRO DIANTE DA INVASÃO DA INTIMIDADE PELA TECNOLOGIA

TEXTO GABRIELA LONGMAN

FOTOS FRANCO AMENDOLA

UMA DAS MENTES MAIS INQUIETAS DA CULTURA BRASILEIRA, NUNO RAMOS É UM HOMEM MULTILINGUAGEM.

Desde quando despontou no histórico Grupo Casa 7, nos anos 1980, o paulistano construiu uma trajetória que opera no cruzamento entre as artes visuais, a literatura, o teatro e o cinema.

Depois de criar uma instalação retratando fisicamente cada uma das vítimas do massacre do Carandiru (111, 1992), montar uma gigantesca gaiola com urubus na 29ª Bienal de São Paulo (*Bandeira Branca*, 2010) e fazer uma performance-protesto pública durante a pandemia, com uma centena de carros atravessando a Avenida Paulista engatando ré (*Marcha à Ré*, 2020), o artista de 66 anos acaba de trocar de galeria, passando a ser representado pela Almeida & Dale e Cerrado Galeria, e desbrava a encenação de uma ópera. Convidado a dirigir *Intolleranza*, de Luigi Nono (1924-1990), prevista para estreiar no Theatro Municipal de São Paulo em 29 de maio, Nuno transpõe sua investigação sobre entropia e tragédia para o palco, propondo uma materialidade cênica que evoca a destruição de Hiroshima.

A voracidade de sua produção não para por aí. Nesta entrevista, feita na casa do artista no bairro paulistano da Vila Romana, ele detalha o cotidiano de seu ateliê e antecipa o lançamento de *Minha Voz de Volta*, projeto literário de contornos biográficos que lhe consumiu 11 anos. Entre reflexões sobre a conjuntura política, a dissolução das fronteiras da intimidade pelas redes, sua relação com a casa e o universo do design, Nuno revela as engrenagens de um pensamento em ebulição.

Como é o dia a dia de um processo criativo que transita entre a escrita, uma obra plástica, espetáculos... Eu sou muito tomado pelo meu trabalho, que vai de situações em que faço tudo sozinho a situações em que há uma equipe mais técnica. A escrita acontece logo pela manhã. Depois começam as

reuniões mais práticas. À tarde dou uma caída, costuma ser o momento mais difícil. E, lá pelas 18h, o estúdio se acalma e eu vou para meu ateliê, para uma produção mais solitária, atualmente com tinta e vidro, que dura até as 21h30, 22h. É o fim da jornada, mas eu me sinto muito bem nesse horário.

Você é um artista visual que já trabalhou com teatro, performance, mas que atua pela primeira vez com a encenação de uma ópera. Pode contar um pouco sobre o processo de produção? *Intolleranza* é um poema sonoro de 1961 em torno de um trabalhador da mineração que, durante a guerra, vai preso, é torturado e mais adiante se defronta com um desastre ecológico. É curto, pouco mais de uma hora, com citações de Sartre, de Brecht, e que conversa muito com os temas do nosso tempo. A Andrea [Saturnino, diretora], do Theatro Municipal, me convidou e eu chamei o Eduardo Climachauska para pensarmos tudo juntos. Fazer ópera me deixa com uma sensação meio desamparada de quem vê tudo pela primeira vez. São 80 pessoas no coro, cinco solistas, a orquestra e 18 bailarinos que o Alejandro Ahmed vai coreografar para a gente. Por um lado, lhe dá a chance de ir por um caminho de criação menos óbvio, mas é também um pouco assustador, porque são só três ensaios com todo mundo junto e pouca margem de manobra – cada coisa que você muda é uma cadeia enorme envolvida.

Como vocês estão pensando a parte visual? Não é um visual diretamente colado à ação. Como Hiroshima é uma referência importante, estamos partindo do desenho de uma cúpula de metal que sobrou da destruição – está hoje no Memorial da Paz. Essa estrutura enorme vai descer do teto e boa parte da ação vai se dar ali dentro. Como o Luigi Nono é desconhecido, eu espero que ninguém tenha expectativa. Se fosse um Giuseppe

ENTREVISTA

Verdi seria mais complexo, porque todo mundo tem seu Verdi na cabeça. Aqui estamos na experimentação entre cenário, luz e os figurinos do João Pimenta.

E soube que também tem um livro novo prestes a ser lançado... Sim, *Minha Voz de Volta* deve sair em novembro pela editora Todavia e é talvez o projeto a que eu mais me dediquei. Foram 11 anos trabalhando nele. Começa com um livro de poemas, uma espécie de conversa com meu pai, e aí entra uma narrativa em três vozes: a voz itálico, a voz negrito e a voz vermelha. A voz itálico é uma voz de primeira infância, uma memória nebulosa. A voz negrito é uma voz da primeira sexualidade, primeira adolescência. E a voz vermelha é uma conversa com o jabuti que comia tomates na casa dos meus avós, outra vez uma coisa de infância, mas um pouco deslocada.

Sua ideia sempre foi partir de uma imersão autobiográfica? Era. Mas aí escapou para todo lado, como sempre acontece comigo. Depois de toda essa primeira parte, o livro tem uma segunda onde eu recupero temas da primeira e faço experiências meio amalucadas. São cinco pequenas novelinhas absurdamente fantasiosas. Eu espero que o leitor atravessasse, que leia tudo. Eu brinco que eu vou dar uma gravura para quem ler até o final.

Desde 111 (1992), sobre o massacre do Carandiru, até a remontagem de Três Casas no contexto das enchentes de Porto Alegre (2025), muitos dos seus trabalhos costumam responder a eventos externos, da conjuntura do Brasil. Nesse sentido, tem algo neste momento que o inquieta especialmente? Eu acho que a gente continua dentro de uma estratégia da extrema direita que é a de se colocar como

parte de um jogo que ela mesma destrói. Há uma balança em que tudo supostamente se equaliza – você teria a esquerda de um lado, a direita do outro, a polaridade. A questão é que de um dos lados há uma violência intragável contra todo o sistema. Enquanto isso, no mundo, parece haver uma espécie de euforia em torno das energias de destruição. Essa história de que quem não tem bomba atômica está ferrado. Quando a gente precisa da bomba atômica para segurar alguma respeitabilidade de fronteira, de soberania ou do que seja, então, acabou, né?

Como essas transformações repercutem na vida privada? O fato de a gente ter entregue a vida para a economia já é parte dessa loucura. Parece que a circulação das coisas vazou, entrou pelas redes devassando a intimidade. Quando a barreira da pele, do sonho, do estranho, daquilo que você é é quebrada e tudo passa a ser modulado pela tela fica muito difícil. A gente virou uma peneira vazada, uma coisa muito nova que eu nunca pensei que iria viver. Para mim é algo que já foi, mesmo antes da inteligência artificial e de toda essa discussão que ela traz.

Queria perguntar um pouco sobre sua relação com a casa, com o morar. Esta é uma casa dos anos 1940. A gente olhou, sem exagero, umas 200 casas até comprar esta, que foi a primeira que a gente viu, no começo dos anos 2000. Eu tenho fetiche com janela, com olhar do alto, poder ver o Jaraguá... E gosto das casas com cara de casa de avó, com bastante árvores de frutas. De lá para cá foram duas reformas: a primeira feita pelo Clóvis Cunha, a segunda pelo Antonio Carlos Barossi, professor da FAU-USP que eu conheço desde que nasci. Eu me envolvi profundamente nos dois processos.

E como é sua relação com o universo do design? Acho que a minha relação com a vida imediata é uma relação de uso, não de luxo, de gastar. Sou muito avacalhado, me visto mal. Comprei uma poltrona Eames e achei que nem é tão confortável quanto eu gostaria. Enfim, é uma relação mais distante do que próxima. Agora, se alguém que tem a ver comigo me convidasse para desenhar uma cadeira junto, eu adoraria. Estou, na verdade, fazendo um projeto que toca essa área em parceria com um designer jovem, o Pedro Ávila. A ideia é pegar, por exemplo, dois copos e fazer algo como se tivesse um saindo do outro. Uma série de coisas siamesas começando a se separar, objetos de “dis-fusão”. Estamos correndo atrás de patrocínio para poder viabilizar isso. ●



“EU SOU MUITO TOMADO PELO MEU TRABALHO, HÁ SITUAÇÕES EM QUE FAÇO TUDO SOZINHO, E OUTRAS EM QUE HÁ UMA EQUIPE”



Na companhia da cachorra Maria, Nuno lê na poltrona Eames que, segundo ele, é menos confortável do que imaginava. Na pág. anterior, detalhe da sua mesa de trabalho



ODE AO TEMPO

NO PARANÁ, ARTISTAS OCUPAM O PARQUE VILA VELHA COM OBRAS QUE RESPONDEM À PAISAGEM ESCULPIDA POR MILHÕES DE ANOS DE VENTO E EROSÃO

TEXTO RAFAEL BELÉM, DE PONTA GROSSA, PR*

FOTOS ANDRÉ KLOTZ

O QUE ACONTECE QUANDO A ARTE OCUPA UM TERRITÓRIO onde o tempo já esculpiu tudo antes? No Parque Vila Velha, em Ponta Grossa, PR, quase não há vazio a ser preenchido. Formações de arenito, moldadas ao longo de milhões de anos, instauram uma paisagem que parece definitiva e, ao mesmo tempo, em constante transformação. Ali, a matéria expõe seus próprios processos, como se o tempo deixasse de ser abstração para se tornar visível. Ainda assim, é nesse cenário que o Museu Oscar Niemeyer decidiu instalar a primeira itinerância do programa MON sem Paredes, que leva obras para além dos limites físicos da instituição, sediada em Curitiba. Para o curador Marc Pottier, a iniciativa nasce de uma inquietação antiga: museus recebem visitantes, mas nem sempre alcançam todos. “Muitas pessoas ainda sentem uma espécie de intimidação diante do museu”, afirma. O projeto surge para

romper essa lógica. Em vez de esperar o público atravessar a porta, a arte se aproxima dele.

A escolha do local impõe uma questão: o espaço é, ele mesmo, uma forma de escultura – a paisagem, portanto, não facilita para outros protagonistas. As rochas colossais espalhadas pelo parque – algumas lembrando taças, outras animais ou ruínas imaginárias – parecem ter sido moldadas por um artista paciente, trabalhando com a matéria mais lenta do mundo: o tempo geológico. “O lugar fala por si”, diz Pottier. “Ali, a natureza parece ter se tornado artista.” Diante disso, a curadoria evitou qualquer gesto grandiloquente. As intervenções foram distribuídas ao redor de um desenho concebido pelo arquiteto Fernando Canalli, como uma espécie de mandala discreta que organiza o percurso. Em vez de monumentos, surgem obras de arte que aparecem gradualmente, como desvios na caminhada.

Em *Maca Arenito*,
Alexandre Vogler
cria uma escultura-
mobiliário que convida
o visitante a se
deitar e contemplar a
paisagem. Na pág.
anterior, *Urubu-Rei*
de *Duas Cabeças*
e *Homem-Tatu*, de
Kulikyrda Mehinako



ARTE

Entre as criações, *Um Vento Pintado*, de Gustavo Utrabo, parte de uma imagem quase intangível. O arquiteto recorre ao poema *O Vento*, de Manoel de Barros, para pensar aquilo que atravessa o parque sem se deixar ver. Sua pesquisa com vidros artesanais, material historicamente associado aos vitrais, encontra ali um campo expandido. “Em Vila Velha, torna-se impossível ignorar o tempo silencioso que moldou essas rochas”, diz. Sua obra tenta capturar esse fluxo por um instante, como se vento e areia fossem encapsulados.

TERRA CHAMANDO

Também interessado nos vestígios do território, Tom Lisboa concebeu *Reconstrução* – uma escultura em processo. A estrutura metálica sustenta uma malha capaz de capturar poeira e partículas transportadas pelo vento; com o tempo, a superfície se altera, adensando-se de maneira quase imperceptível. Se os arenitos se formaram pela erosão, Tom propõe o movimento inverso: uma forma que se constrói pelo acúmulo.

Em outra direção, Denise Milan apresenta *Olhoscópio*, que transforma o ato de observar em experiência ativa. Conhecida por décadas de pesquisa com cristais e minerais, a artista concebeu a peça como instrumento para reenquadrar escalas temporais. Ao mirar a paisagem através da estrutura, o visitante percebe que aquilo que parece imóvel resulta de forças em ação há milhões de anos. “O olhar não apenas vê, ele participa”, afirma Denise. Essa participação também pode ser corporal. Em *Maca Arenito*, de Alexandre Vogler, as pessoas encontram um híbrido entre escultura e mobiliário, já que ao deitar-se sobre a peça, o corpo se ajusta à contemplação das rochas monumentais adiante. “Ela existe para orientar o ponto de vista”, explica o artista.

Para Sonia Dias Souza, as camadas geológicas e históricas sobrepostas do parque não se anulam, mas constroem um campo vivo, onde diferentes temporalidades coexistem. Para sua obra *Anathema*, escolheu o aço corten como forma de reforçar essa ideia. Ao oxidar com o tempo, o material aproxima a escultura dos processos do próprio território. A estrutura, organizada em tríades que formam uma elipse aberta, evita um centro fixo e propõe um campo de relações. “Existe uma correspondência entre a superfície da obra e a geologia do lugar”, pontua.

Entre essas intervenções surgem ainda narrativas que ocupam o local de outra forma. O artista indígena Kulikyrda Mehinako apresenta duas esculturas baseadas em histórias transmitidas por seu povo no Alto Xingu. Em *Homem-Tatu*, recupera um mito no qual o tatu teria sido um humano punido pelos gêmeos Sol e Lua após se recusar a dividir frutos do pequi. Já *Urubu-Rei de Duas Cabeças* remete à

história da conquista da luz, quando os mesmos gêmeos capturam o pássaro que guardava a claridade do mundo. Trazer essas narrativas para o parque possui significado particular para o artista. “Durante muito tempo os povos indígenas não tiveram reconhecimento de sua arte. Levar nossa história para um espaço como esse é muito importante.”

Ao final do percurso, o que permanece é o encontro entre tempos distintos – geológico, mítico e contemporâneo. As obras surgem como pequenas interrupções do olhar – e, por que não, da pressa habitual dos dias. Em um lugar onde a escala geológica relativiza qualquer gesto humano, a arte aparece com discrição, não para rivalizar com a paisagem, mas para despertar outras formas de percebê-la. ●



Denise Milan investiga o olhar como experiência ativa em *Olhoscópio*, escultura que enquadra a paisagem e reorganiza a percepção de escala

*O jornalista viajou a convite do Museu Oscar Niemeyer



Acima, a escultura *Reconstrução*, de Tom Lisboa, que captura e retém a poeira do vento; à esq., o arquiteto Gustavo Utrabo posa diante de *Um Vento Pintado*, sua estrutura feita de vidro artesanal; e, no alto, a obra *Anathema*, de Sonia Dias Souza, tem como inspiração a geologia do parque

EDIFÍCIOS ASSINADOS

Fachada de um dos três edifícios do Jardins Artefacto by Swell – os painéis móveis conferem dinamismo ao conjunto. Na pág. seguinte, a segunda geração da família que comanda a Swell: Leonardo, Thiago e Vanessa Pissetti

PASSEIO NO BOSQUE

EM MEIO A UMA ÁREA DE MATA PRESERVADA, MEMÓRIA MUSICAL E DESIGN AUTORAL DEFINEM UM PROJETO CUJO MODO DE HABITAR APROXIMA ARQUITETURA, CULTURA E NATUREZA

TEXTO DANIELA HIRSCH



NAQUELA NOITE EM CURITIBA, CERCA DE 300 PESSOAS OCUPAVAM um espaço dedicado ao design quando um grupo de músicos tomou a cena. Era o Quinteto Brandão, tocando os primeiros acordes de *Tapajós 177*, sinfonia composta em 2006 por Hélio Brandão em celebração ao legado musical de sua própria família. As notas se espalharam pelo ambiente como uma memória sonora do lugar que inspirou a obra. Tal ocasião marcou o lançamento do Jardins Artefacto by Swell, empreendimento residencial fruto da colaboração entre a incorporadora Swell e a marca brasileira de mobiliário Artefacto. A aproximação inaugurava um movimento inédito entre as duas empresas. “A apresentação foi emocionante. Para nós era importante que esse momento traduzisse o espírito da parceria e do projeto”, afirma Vanessa Pissetti, sócia-diretora da Swell.

O terreno que dá nome à peça e onde serão erguidos os edifícios guarda uma história singular na cidade: durante cinco décadas, a área da Rua Tapajós abrigou o casarão da família Brandão, cenário de encontros entre músicos, artistas e intelectuais em meio a um bosque preservado. Ali aconteciam saraus que se tornaram parte da vida cultural curitibana. Décadas depois, o espaço inicia um novo capítulo.

COLLABS DE VALOR

O trabalho entre Swell e Artefacto não é um caso isolado. Nos últimos anos, o mercado imobiliário passou a incorporar uma lógica já comum em outros segmentos do luxo: as *collabs* entre marcas. No campo da arquitetura, esses projetos ficaram conhecidos como *branded buildings* ou *branding imobiliário*, iniciativas em que empresas de diferentes áreas se unem

para conceber empreendimentos capazes de expressar valores, estética e repertórios compartilhados.

Nem sempre essas parcerias acontecem entre setores diretamente ligados. O ponto de encontro costuma ser o lifestyle e valores que cada marca representa. Não por acaso, alguns *cases* mais conhecidos envolvem grifes de moda ou fabricantes de automóveis de alto padrão. Residenciais assinados por Fendi, Dolce & Gabbana, Aston Martin e Lamborghini ilustram como o mercado de luxo tem encontrado na arquitetura uma nova forma de expressão.

Para Artur Motta, coordenador do curso de pós-graduação Certificate em Negócios de Arquitetura, da *Casa Vogue* com a ESPM, iniciativas como a que reúne Swell e Artefacto trazem vantagens claras. “Quando duas marcas se unem em um empreendimento imobiliário, você agiliza a identificação do público com o

EDIFÍCIOS ASSINADOS



Acima, perspectiva de uma das coberturas – nas áreas privativas e comuns, o mobiliário da Artefacto orienta a ambientação, valorizando a continuidade entre os espaços; à dir., a piscina situada entre os prédios reforça a relação com a natureza preservada do bosque. Na pág. seguinte, no lobby da torre Araucária, uma escultura sobre o espelho d'água faz referência à vocação musical do terreno



produto e amplia o alcance da comunicação. São duas redes de relacionamento e de divulgação atuando juntas, o que fortalece o posicionamento e a percepção de valor e exclusividade do projeto.”

No caso do Jardins Artefacto by Swell, essa convergência começou a tomar forma ainda nas etapas iniciais. A *collab* ultrapassou a assinatura do nome e passou a orientar a forma de apresentar a proposta ao público. Foi na própria loja da Artefacto em Curitiba que aconteceu aquela noite de lançamento. Ali, entre peças de design e a apresentação do Quinteto Brandão, o público teve o primeiro contato com o projeto em um ambiente que já revelava seu repertório estético.

Para Vanessa, a colaboração nasceu também de uma coincidência de momento entre as empresas. “Nós já admirávamos a Artefacto. Houve um encontro muito natural entre as marcas. E o mais

interessante foi o processo. Mergulhamos no universo deles e incentivamos que os arquitetos envolvidos também fizessem isso. Alguns já eram clientes e dominavam o DNA do mobiliário, o que facilitou demais as concepções desde o início.”

SINTONIA COM A NATUREZA

Em um terreno de 8 mil m², com a metade ocupada pela mata preservada, a arquitetura parte de uma premissa simples: deixar que a paisagem conduza a vivência do lugar. As três torres se voltam para essa área arborizada, abrindo vistas generosas para a copa das árvores e integrando o entorno ao cotidiano. Também nos espaços comuns o cenário natural assume o primeiro plano, com ambientes de convivência voltados ao silêncio e à presença da vegetação. “Foram anos de conversa para adquirir o terreno, que é uma verdadeira joia urbana”, diz Vanessa.

A concepção nasce de uma imersão nos diferentes aspectos que envolvem o projeto, das características das marcas envolvidas à inserção urbanística. “Quando começamos a estudar o local, percebemos imediatamente a força daquele bosque. Isso orientou toda a implantação. Pensamos então em casas suspensas, com amplas aberturas e o conceito de *open view*, permitindo que a paisagem estivesse sempre presente. Se eu tivesse que resumir nosso trabalho em uma palavra, diria que buscamos harmonia”, afirma Flavio Schiavon, diretor de criação da Baggio Schiavon Arquitetura, um dos escritórios responsáveis pelo projeto arquitetônico, com experiência em *branded buildings* em outras cidades.

Assim, entre memória cultural, paisagem preservada e criação arquitetônica, o terreno da Rua Tapajós inicia um novo movimento na cidade. Um lugar onde natureza, design e música se mantêm em sintonia. ●



Em Curitiba, o morar encontra outro ritmo.

Jardins Artefacto by Swell.
A primeira collab assinada
pela Artefacto no Paraná.

Jardins
artefacto | **by Swell.**
CURITIBA • PR

Um refúgio onde a
natureza deixa de ser
cenário e passa a
conduzir o cotidiano.
Em meio a 4 mil m²
de bosque privativo,
o silêncio e o tempo
assumem outra medida.

Com a amplitude
de casas suspensas,
os ambientes se abrem
à luz e à continuidade
dos espaços.

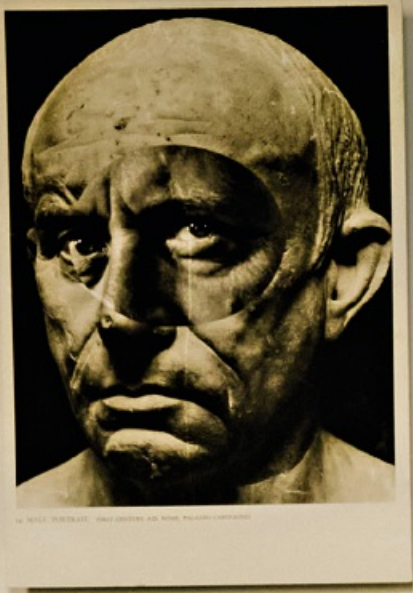
A presença da Artefacto
se revela de forma sutil,
integrando arquitetura
e interiores com precisão
e permanência.

ines249

Jardins
artefacto | by
Swell.

Explore a
exclusividade em
cada detalhe.





UNIVERSO

CASA
VOGUE

Viver cercado de arte e design cria cumplicidade entre pessoas e objetos, colecionadores e autores. Nas casas a seguir, em Curitiba, São Paulo e Roma, pinturas, esculturas, fotografias, móveis, cerâmicas e outros achados estabelecem diálogos elevados com a arquitetura, aproximam e transformam o cotidiano



léxico familiar

O arquiteto Luiz Volpato desenha uma casa em Curitiba para uma família italiana com natureza sempre à vista e arte e design por toda parte

TEXTO VANESSA D'AMARO

ESTILO ADRIANA FRATTINI

FOTOS FILIPPO BAMBERGHI



No hall do pavimento da piscina, poltronas Ella, design Jacopo Foggini para a Edra, escultura de Mano Penalva e tela de Thalita Hamaoui (*ao fundo*), ambas na galeria Simões de Assis. Na pág. anterior, a parede do fundo da piscina recebeu escultura de Juan Parada, também na galeria Simões de Assis

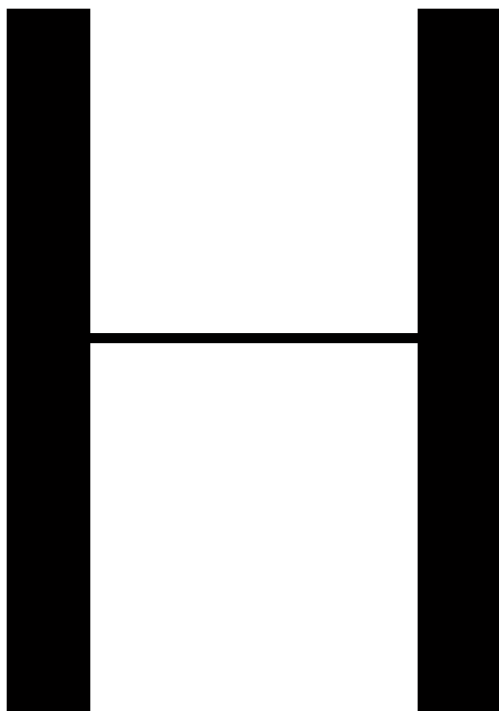
"Nos interiores, pensamos na união entre Brasil e Itália.
Na seleção de obras de arte, decidimos
prestigiar os artistas brasileiros, que são maravilhosos"

RAFFAELLA CAIRA

No living, as poltronas Favela, de Fernando e Humberto Campana, acompanham o sofá
On The Rocks, de Francesco Binfaré, tudo da Edra – na parede, quadros de Luiz Zerbini,
na galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, Abraham Palatnik, na Nara Roesler, Ascânio MMM, na Simões de Assis,
e Vik Muniz, também na Nara Roesler (da esq. para a dir.)







á quem diga que uma casa deve ser um retrato fiel de seus moradores – traduzir seus desejos, anseios e aspirações. Tanto a arquitetura quanto os interiores precisam se adaptar às rotinas e refletir a maneira como as pessoas se relacionam entre si e com o mundo. Cabe ao arquiteto (ou designer de interiores), portanto, conjugar esse léxico familiar ao mesmo tempo em que propõe um diálogo com o local onde está o projeto. Foi essa missão que Luiz Volpato cumpriu com louvor ao desenvolver esta residência em Curitiba para o casal italiano Germano Carrara e Raffaella Caira e suas duas filhas.

Não é a primeira vez que o arquiteto colabora com a família. Há 15 anos, Luiz elaborou o projeto para o complexo industrial da NGC do Brasil, da qual Germano é sócio. “Tenho muita admiração pela forma como eles tratam a arquitetura”, diz. “Quando fazemos um trabalho desses, a convivência é diária. Então, arquiteto e cliente precisam se dar bem.”

Vivendo no Brasil desde o início dos anos 2000, Germano e Raffaella já habitaram muitas residências no Paraná. Esta última, porém, tem um gosto especial, já que reúne dois

desejos dos moradores: estarem próximos ao centro da cidade e, ao mesmo tempo, à natureza. Situado no bairro Campo Comprido, o terreno de 2 mil m² faz parte de uma área de preservação. Luiz só podia construir em 30% do lote, então desenhou uma casa de 1,1 mil m² que se abre para o verde e se distribui por quatro volumes sobrepostos.

Na porção inferior, o subsolo abriga uma adega, onde fica a coleção de mais de mil rótulos de vinhos do casal, além da garagem. Há ainda um nível com piscina coberta, academia, sauna e escritório. O térreo, por sua vez, reúne toda a ala social integrada, com living, jantar e cozinha. Também se concentram ali dois pedidos especiais dos moradores: o forno de pizza e a charutaria. Nesse pavimento, Luiz optou por instalar painéis de vidro em toda a extensão da varanda, a fim de garantir a vista exuberante do entorno – um dos princípios que orientaram o projeto.

O primeiro andar fica na altura da copa das árvores e, por meio de brises, a área íntima, com as suítes da família e os quartos de hóspedes, permanece reservada. “Nós usamos muitos painéis de madeira nos interiores porque dão sensação de

Na sala de jantar, em volta da mesa Dinn, de Jader Almeida, na Ton Sur Ton, cadeiras Gina, de Jacopo Foggini, e Jenette, de Fernando e Humberto Campana, e lustres Campana, dos mesmos designers, tudo da Edra – o aparador desenhado por Luiz Volpato se apoia no painel de madeira que esconde a cozinha. Na pág. anterior, na cabana de leitura do jardim, Raffaella e Germano posam no sofá Pack, design Francesco Binfaré para a Edra, em frente à obra da série *Sol a Pino* (2018), de Nuno Ramos, na galeria Fortes D'Aloia & Gabriel



aconchego e fazem um contraponto com o concreto da estrutura”, explica Luiz. “Queríamos um projeto que respeitasse a arquitetura moderna daqui. Acho que os profissionais brasileiros têm uma visão à frente dos europeus”, opina Raffaella.

Para Luiz, o contraste entre a construção, mais contemporânea, e a mata nativa é o ponto alto desse trabalho. “A essência é essa dicotomia entre o bruto, da arquitetura, e o romântico, do bosque.” Embora assine o paisagismo, suas intervenções na área externa foram mínimas, preservando a vegetação original. “Nunca quis um jardim encomendado”, revela Raffaella. “O que é bonito no Brasil é essa natureza exuberante, que não se encontra em outros lugares do mundo.”

Nos interiores, ela e Germano procuraram explorar a intersecção entre Brasil e Itália. No processo, se apaixonaram pelos móveis desenhados por Fernando e Humberto Campana para a Edra, que aparecem praticamente em todos os ambientes. Fãs declarados da dupla, eles consideram as peças obras de arte – é notável o tamanho da coleção de itens dos irmãos brasileiros. O casal também vem reunindo criações de grandes artistas nacionais, como Vik Muniz, Ascânio MMM e Abraham Palatnik. “O universo da arte é infinito e tivemos a ajuda de um casal de

amigos para escolher as obras. Não diria que somos colecionadores, mas estamos no começo”, afirma a moradora, humilde.

Como imigrante, Raffaella confessa que alimenta uma dualidade de sentimentos: “Nós passamos no Brasil a metade da nossa vida, mas somos italianos e vivemos a cultura da Itália. Tanto a cultura do Norte, de onde o Germano veio, quanto a cultura do Sul, de onde eu sou”. Por conta disso, ela reconhece que a residência fala dessa jornada que viveram, nas últimas décadas, em Curitiba.

Eles também têm duas outras casas, em solo italiano: uma do séc. 18 na região da Franciacorta, com um estilo mais clássico, onde passam as férias de inverno; e outra em Pantelleria, ilha entre a Sicília e a Tunísia, erguida com pedras vulcânicas locais, para as férias de verão. Todas traduzem a personalidade e o estilo da família? “São três planetas diferentes”, brinca Raffaella. É que, para eles, cada morada desvela não apenas a identidade, mas a maneira como se relacionam com o lugar, a cultura e, principalmente, os afetos que se formam ao longo do caminho. “Esta casa faz parte de todo esse sonho que construímos, pouco a pouco, aqui no Brasil”, celebra a anfitriã. ●





Acima, na copa, mesa Eros, design Angelo Mangiarotti para a Agapecasa, com fruteira do Estúdio Campana, e cadeiras Windsor, de Jader Almeida. Na pág. anterior, à esq., na cabana de leitura, poltrona Paisagem, do Estúdio Campana; e, à dir., na charutaria, Raffaella lê acomodada no sofá, atrás de baú da Louis Vuitton, que faz as vezes de mesa de centro, tudo sob a luminária Moon, de Davide Groppi



"Usamos painéis de madeira para trazer aconchego e fazer um contraponto ao concreto da arquitetura" LUIZ VOLPATO

Na suíte máster, cama Grinza, design Fernando e Humberto Campana para a Edra, mesa de cabeceira desenhada por Luiz Volpato, luminária Snoopy, design Achille e Pier Giacomo Castiglioni para a Flos, e tela de José Bechara, na galeria Simões de Assis. Na pág. anterior, em sentido horário, a partir da foto no alto, à esq.: banheira DR, design Studio MK27 para a Agape Design, no banheiro da suíte máster; escultura Bomb, de Alê Jordão, na Galeria Choque Cultural, ocupa o fundo do corredor íntimo; a adega imaginada por Luiz Volpato tem como protagonista o sofá Flap, design Francesco Binfaré para a Edra; e, no canto do living, poltrona Vermelha, design Fernando e Humberto Campana para a Edra, e tela de Luiz Zerbini, na galeria Simões de Assis





CABE MAIS UM?

No apartamento do designer Lucas Recchia, em um edifício modernista paulistano, sua coleção de design e arte preenche todos os espaços

TEXTO REGINA GALVÃO

FOTOS RUY TEIXEIRA

Detalhe da mesa de jantar desenhada por Lucas Recchia. Na pág. anterior, no corredor de acesso aos apartamentos, a mesa Morfa, também de Lucas, apoia máscara africana

"NÃO GOSTO DE ACUMULAR, MAS GOSTO QUE AS OBRAS QUE COLECIONO IMPACTEM MEU DIA A DIA, PORQUE TUDO O QUE TENHO AQUI É INSPIRAÇÃO" LUCAS RECCHIA



No living, poltronas Módulo, de Oscar Niemeyer, da Etel, e modelo azul vintage de autoria desconhecida, mesas de apoio de Lucas Recchia e escultura de Harry Bertoia (em primeiro plano, à esq.) – na cozinha (ao fundo), bancada de aço inoxidável da Mekal, mesa de jantar de Lucas Recchia e cadeiras Flama, Jenette e Sushi, de Fernando e Humberto Campana



Em outro ângulo do living, sofá Eshe e mesa de apoio Cavo, ambos de Lucas Recchia – nas paredes, escultura de Miguel dos Santos e políptico de Mira Schendel. Na pág. seguinte, à esq., cerâmica peruana sobre livro de Pierre Legrain; e, à dir., mais um ângulo do living destaca escultura de Megumi Yuasa





Quando criança, o catarinense Lucas Recchia gostava de juntar conchas, pedras e carrinhos, organizados com cuidado em uma vitrine no quarto. “Eu era, na verdade, um acumulador”, confessa. Se o colecionismo já se insinuava na infância, o gesto se tornou experiência concreta com a aquisição do primeiro apartamento. “Comprei várias obras de arte durante o ano que durou a reforma”, conta. O imóvel, nos Jardins, em São Paulo, fica em um edifício modernista de volumetria inovadora e janelões em caixa, projetado pelo arquiteto Israel Galman (1922-1986) no fim dos anos 1950. O prédio sempre chamou sua atenção e foi o escolhido quando decidiu

sair do aluguel. Uma das unidades estava disponível e, sem hesitar, Recchia arrematou o apartamento de 50 m².

Para adaptá-lo a seu estilo, recorreu ao arquiteto Diogo Figueiredo, cuja proposta se baseou em uma estrutura neutra, capaz de abrigar peças de design e arte de diferentes épocas e linguagens. A arquitetura original permaneceu como referência no interior, reforçada pelo piso de cimento queimado e pela geometria das janelas da fachada – elemento que o inspirou a criar a mesa de centro *Quadrícula*, da coleção *Janelas*. “Tudo aqui foi feito a quatro mãos. De um lado, eu tinha muito definido quais peças eu queria e, por outro, o Diogo me ajudou a selecionar, posicionar e idealizar um layout que valorizasse cada uma delas.”

No living, o colecionismo se revela como prática cotidiana, mesclando itens históricos com produção contemporânea. “Sempre desejei ter a poltrona do Oscar Niemeyer, e sua altura baixa serviu de referência para que eu criasse meu primeiro sofá, que foi pensado para esse cômodo e depois se desdobrou para a coleção *Esher*.” A mesa de jantar de cristal reciclado, que serve a cozinha, é outro móvel que pretende lançar. “Precisava testar o material e acabei trazendo o protótipo para cá”, lembra. Em volta dela, estão quatro cadeiras dos irmãos Campana – *Flama*, *Sushi* e uma dupla de *Jenettes* – que já pertenciam ao designer e

"NÃO COSTUMO
CHAMAR PESSOAS
PARA VIREM AQUI, É
MEU MOMENTO
SOZINHO. AS OBRAS
DE ARTE SÃO
MINHA COMPANHIA"

LUCAS RECCHIA





Acima, Lucas Recchia no reflexo do espelho; acima, à esq., mesa Caco, design do morador, apoia cerâmica de Shoko Suzuki, e, na parede, tapeçaria de Marina Woisky; e, à esq., no banheiro, espelho da coleção Distorção Mental, também de Recchia, e cuba de quartzito da Brasigran. Na pág. anterior, a escultura da série *Morfológicas*, de Tunga, na galeria Almeida & Dale, figura junto à luminária Fungo, de Gabriella Crespi, e à mesa de apoio Aura, de Lucas Recchia



acrescentaram cor ao ambiente, marcado ainda pela bancada e pela cuba de aço inoxidável, e pelos armários de lâmina de madeira que percorrem o imóvel.

Entre as obras de arte, a escultura de Tunga é uma das favoritas. A peça de bronze, vista em uma exposição, permaneceu em sua memória desde as primeiras incursões nos circuitos artísticos de São Paulo, até surgir a oportunidade de aquisição no ano passado. “Curiosamente, faço minhas mesas de bronze no mesmo ateliê em que Tunga fazia os moldes”, conta. Seu acervo também inclui nomes como Megumi Yuasa, Paulo Pjota, Mira Schendel, Shoko Suzuki e Marina Woisky, além da escultura sonora de bronze do italiano Harry Bertoia, posicionada sobre uma mesa revestida de pergaminho – outro material em estudo pelo designer.

No dormitório, separado da sala por um biombo de palhinha e madeira atribuído a Joaquim Tenreiro, o parquê original imprime uma atmosfera mais íntima. Desenhada pelo próprio Recchia, a cama dialoga com uma peça única de Giuseppe Scapinelli e a mesa Bulle, de sua autoria. “A relação entre elas é



Acima, três obras de Megumi Yuasa (*na prateleira no alto e no piso*) e tela de Paulo Pjota – ao fundo, no quarto, quadro de Niobe Xandó; acima, à dir., mesa Bulle, de Lucas Recchia; e, abaixo, à dir., a fachada do edifício nos Jardins. Na pág. seguinte, entre o quarto e o living, o biombo de Joaquim Tenreiro ampara a cama desenhada por Lucas Recchia, e a mesa lateral de Giuseppe Scapinelli, na Galeria Teo, apoia cerâmica de Megumi Yuasa e escultura de Nazareno

visual. Quando vi a mesinha, com escaninho de jacarandá, lembrei desse meu modelo, que tem o mesmo elemento, mas de vidro. A proporção é parecida e achei que seria uma combinação interessante”, comenta.

Não à toa, suas escolhas são guiadas por afinidade. “Tudo o que está aqui tem impacto no meu dia a dia. Essa é minha forma de conviver com as obras e respeitar esses artistas, assim como espero que minhas peças sejam vistas e respeitadas no futuro.” Em meio a uma rotina intensa de uma carreira que deslanchou internacionalmente – com exposições em Nova York, Paris, Melbourne e Moscou –, o apartamento revela-se como lugar de recolhimento. É ali que Recchia encontra pausa e silêncio entre as obras que escolheu colecionar. “Considero que cheguei ao limite de peças neste espaço”, admite, reconhecendo que design, arte e arquitetura se entrelaçam em sua vida em permanente construção. “Tenho bem definidas as coisas que eu quero e, quando as encontro, não coloco limites para adquiri-las. Então, ou terei de reorganizar tudo por aqui, ou terei de mudar de apartamento.” Aguardemos os próximos capítulos. ●







Na garagem, a tela *Sem Título* (2022), de Claudio Tozzi, figura diante do paisagismo assinado por Luciano Fiaschi

mestre do pop

TEXTO CRISTIANO RAIMONDI

PRODUÇÃO DOUGLAS HURI **FOTOS** RUY TEIXEIRA

No lar do artista
Claudio Tozzi, em São Paulo,
ócio e ofício dividem o mesmo
endereço há décadas

As composições, com tons intensos e formas precisas, trazem energia e ritmo sem comprometer o conjunto





As paredes de vidro que separam a garagem do living permitem entrada abundante de luz natural na residência



Acima, no living, Claudio Tozzi posa em sofá de John Graz, em frente à obra *O Capital e a Poesia* (2022/24), de sua autoria, e à poltrona Wassily, de Marcel Breuer. Na pág. seguinte, no mesmo ambiente, aparador desenhado por Isay Weinfeld acomoda a escultura *Parafuso* (1972), de Tozzi, também autor da tela *Território* (2011), e uma maquete do ateliê do artista no litoral paulista

stamos em São Paulo, na casa-ateliê de Claudio Tozzi. Filho de imigrantes italianos, arquiteto, educador e artista plástico, ele construiu uma sólida carreira ininterrupta desde a década de 1960. Continua expondo em museus ao redor do mundo e é figura central nos movimentos da nova figuração e da pop art brasileira – até o começo deste ano, uma exibição sua ocupou o Malba, em Buenos Aires.

Após o golpe militar de 1964, Tozzi se consolidou como um artista politicamente engajado e

trabalhador incansável. Aos 82 anos, mantém uma rotina diária intensa, explorando sempre novas formas e soluções. Sobre o período da ditadura, destaca a diferença entre a pop art americana e o movimento latino: enquanto os artistas de lá se concentravam no consumismo e no brilho da cultura visual, muitos brasileiros usavam essa mesma linguagem para questionar a realidade do país. Imagens inspiradas na sabedoria popular permitiam denunciar a repressão e, ao mesmo tempo, abrir pequenos espaços de liberdade criativa. “Eu era estudante de arquitetura e me opus completamente ao golpe. Meu trabalho reflete isso”, afirma.

Em 1986, Tozzi adquiriu esta casa no bairro do Sumaré, então um tranquilo endereço residencial em uma ladeira arborizada. Ele



conta que a conhecia desde a infância: pertencia a um amigo da família de seus pais e, quando foi colocada à venda, sua mãe negociou uma permuta por uma de suas casas menores. Seu irmão, o arquiteto Decio Tozzi, projetou a abertura dos novos espaços; um jovem Isay Weinfeld desenhou os interiores, criando um ambiente metafísico e cenográfico; e o paisagista Luciano Fiaschi, do LF Paisagismo, interveio no jardim.

Tozzi tinha um estúdio na Rua Franco da Rocha, um galpão premiado por sua arquitetura, antes de se mudar para esta residência, em 1987. Três anos depois, reformou o térreo, abrindo-o e criando o ateliê, com acesso pela rua de trás. Hoje, o imóvel tem duas entradas – uma residencial e outra de serviço – e uma clara separação entre as áreas públicas e privadas. Além da linha preta no chão fica a ala mais íntima, definida por paredes pintadas da mesma cor, um pequeno apartamento com dois quartos e dois banheiros.

Os cômodos são amplos, luminosos. As paredes, os pisos e alguns móveis revestidos com lonas de algodão desenham um pano de fundo sutil e permitem que as obras de Tozzi se destaquem. Suas composições, com tons intensos e formas precisas, trazem energia e ritmo sem comprometer o conjunto, dialogando com os ambientes. Graças a um detalhe sofisticado – dois espelhos longos e estreitos embutidos no arco que conecta a sala de estar à sala de jantar –, as vistas se cruzam e se fundem, resultando em um espaço vivo e evocativo.

As ruas próximas à casa são surpreendentemente tranquilas, mesmo estando tão perto da Avenida Paulista. A luz natural entra por diversos ângulos, como as claraboias estrategicamente posicionadas e a estrutura de vidro que envolve a palmeira-fênix e transforma a garagem em uma área de exposição. Aqui, nada é imposto; tudo soma. E, embora fruto de um projeto coletivo, a morada de Claudio Tozzi reflete uma *gestalt* que não existiria sem um mestre como ele. Um lugar onde criação, reflexão e cotidiano convivem com respeito à tradição arquitetônica brasileira. ●



“Eu era estudante de arquitetura e me opus completamente ao golpe militar. Meu trabalho reflete isso”

CLAUDIO TOZZI

Na sala de jantar, aparador e mesa desenhados por Isay Weinfeld, cadeiras Spaghetti, design Giandomenico Belotti para a Alias, e quadro *Figuração das Cores* (1983), de Claudio Tozzi. Na pág. anterior, no alto, o living reúne diferentes poltronas brancas, como a Maralunga, de Vico Magistretti, e T-Line, de Burkhard Vogtherr, além de mesa de centro de Isay Weinfeld e tela da série *Território* (2025), de Claudio Tozzi; e, abaixo, em um canto do mesmo ambiente, instalação *Sem Título* (2017), de Claudio Tozzi, composta por três elementos: poltrona Red and Blue, de Gerrit Rietveld, mesa lateral Saarinen, de Eero Saarinen, e tela da série *Território* (2007)







Acima, detalhe do ateliê do artista; à esq., na entrada do ateliê, cadeiras Saarinen (à esq.), de Eero Saarinen, e Eames Shell, de Charles e Ray Eames, junto a obras assinadas pelo morador; e, abaixo, à esq., aparador de Isay Weinfeld e quadro *Assegure o Seu Futuro* (s.d.), de Rubens Gerchman. Na pág. anterior, outro ângulo do ateliê mostra as obras *Parafuso* (1972), *Red Cutout* (1998) e outra da série *Território* (2011), todas de Claudio Tozzi



As paredes, os pisos e alguns móveis revestidos com lonas de algodão desenham um pano de fundo sutil e permitem que as obras se destaquem

No salão da entrada repleto de peças-desejo, destaque para a poltrona Costela, de Martin Eisler e Carlo Hauner, a luminária de piso Akari BB3-33S, design Isamu Noguchi para a Vitra, o sofá azul D70, design Osvaldo Borsani para a Tecno (*tudo à esq.*), a chaise longue design Paolo Passerini para a Uvet Dimensione (*à dir.*) e estátuas feitas por estudantes de arte – os retratos são do livro *Roman Portraits* (1940), editado por Ludwig Goldscheider



QUANDO TEM ROMA

A casa de Ramdane Touhami no Palazzo Borghese é uma grande tela em branco para o estilo irreverente do designer

TEXTO ASAD SYRKETT

FOTOS STEFAN GIFTHALER







À esq., a sala de jantar tem cadeiras vintage Superleggera, design Gio Ponti para a Cassina. Na pág. anterior, a sala de almoço leva poltrona De Stijl, de Gerrit Rietveld, mesa e cadeiras design Warren Platner para a Knoll, luminária de piso da Stilnovo e banqueta T29 Dado, design Ettore Sottsass para a Poltronova

altos adornados com afrescos e detalhes acumulados ao longo do tempo, como as maçanetas em formato de B (referência aos Borgheses) na sala de jantar, que, segundo Ramdane, datam do séc. 19.

As maçanetas, no entanto, não são a única magia do Palazzo Borghese: logo na entrada, um longo corredor e um salão adjacente evocam uma galeria, pontuados por móveis geométricos de carvalho-branco desenhados pelo próprio designer e por um conjunto de estatuetas e bustos criados por estudantes romanos. Espalhadas pelo chão e pelas paredes, imagens do livro *Roman Portraits*, publicado pela Phaidon em 1940, completam o ambiente. “Os rostos são muito contemporâneos”, diz o morador. “Poderiam ser pessoas que você vê hoje em dia.”

Por todo o imóvel, Ramdane se delicia ao combinar e sobrepor épocas do design: antiguidade, modernismo de meados do séc. 20 e outras. No quarto principal, uma cama napolitana do séc. 19, de metal trabalhado, surpreende pelo aspecto contemporâneo. Um banco Thonet de cerca de 1940 e uma luminária de piso dos anos 1970 se postam próximos a ela.

Na sala de almoço, menos formal que a de jantar, mas ainda impressionante, perto do quarto, Ramdane continua a brincar com períodos históricos: mistura uma poltrona De Stijl de 1917, desenhada pelo arquiteto holandês Gerrit Rietveld, com peças das décadas de 1930, 50 e 80. Apesar da atmosfera séc. 20, a composição parece casual. Talvez porque encontrar harmonia entre estéticas distintas seja parte fundamental de sua parceria com a esposa. “Victoire e eu temos gostos completamente diferentes”, conta, explicando que o design dos quartos costuma ficar a cargo dela. “Nunca nos intrometemos no assunto do outro.”

Por ali, jazz e funk de toda a diáspora africana ecoam de uma caixa de som no chão da galeria que serve de sala de estar. Entre uma canção e outra, o morador revela um de seus elementos favoritos na casa: uma pequena janela escondida no banheiro de hóspedes. A abertura tem vista para a escadaria do lado de fora e convida a escutar as conversas de quem passa. “Divertido, não?”, indaga com um sorriso. “É um jeito de ouvir o que as pessoas estão falando.” Mesmo no Palazzo Borghese, Ramdane jamais abriria mão de sua irreverência característica. ●

“

Estou muito empolgado com a ideia de criar nosso novo apartamento em Roma”, escreveu Ramdane Touhami, diretor criativo, artista, designer de interiores e DJ, no Instagram em agosto passado. “Projetar um lar que pareça um museu pode ser divertido”, acrescentou. Ele não estava subestimando a dimensão do projeto. Sua nova morada está, na verdade, dentro de uma das obras arquitetônicas mais grandiosas e conhecidas de Roma: o Palazzo Borghese, no bairro de Campo Marzio.

A construção das primeiras alas do palácio renascentista remonta a 1560, com projeto do arquiteto Giacomo Vignola, responsável também pela conclusão da Basílica de São Pedro, no Vaticano, após a morte de Michelangelo. O edifício seria ampliado pelo cardeal Camillo Borghese, que o adquiriu em 1596, emprestou seu nome ao palácio e, anos mais tarde, tornou-se o papa Paulo V.

É ali o lar mais recente do designer nômade, de sua mulher, Victoire de Taillac-Touhami, e de seus três filhos. Os cerca de 280 m² do apartamento se distribuem pela planta em forma de F, com tetos



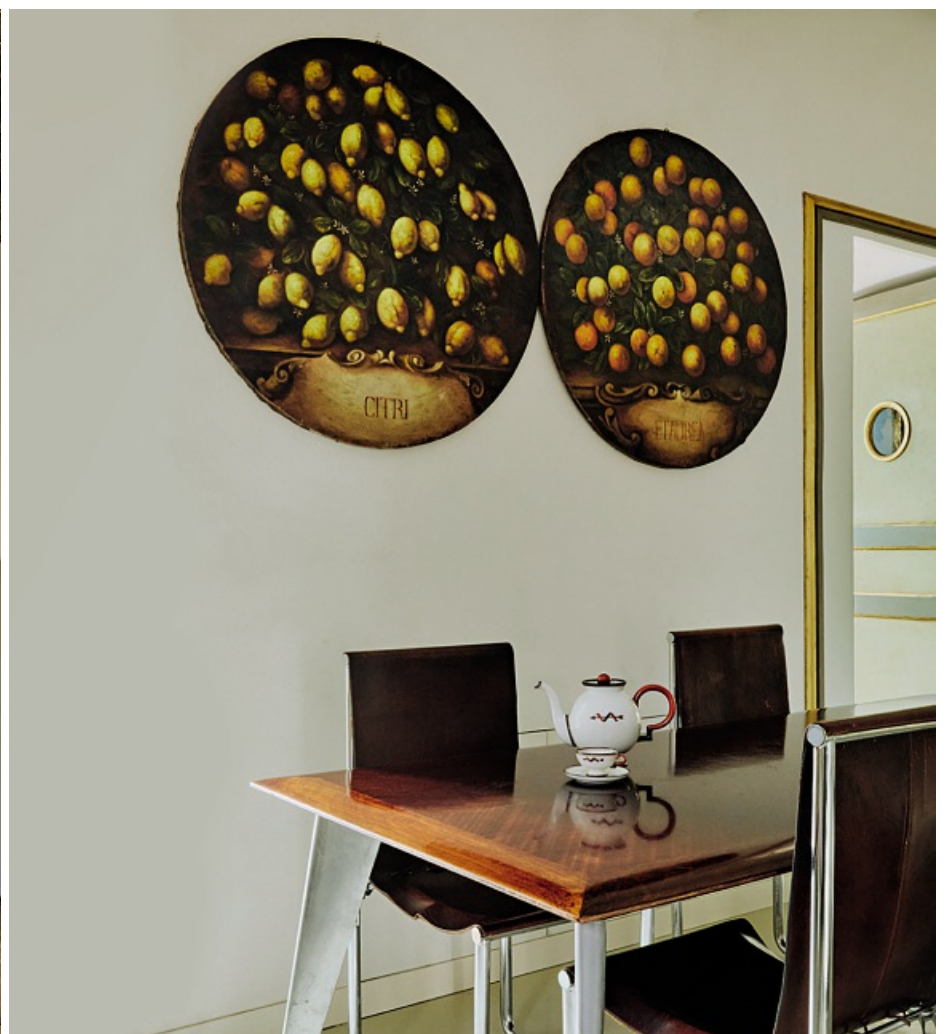
EM TODO O APARTAMENTO, RAMDANE
SE DELICIA AO COMBINAR E SOBREPOR
ÉPOCAS DO DESIGN

Outro ângulo da sala de jantar revela retratos dos políticos socialistas
Andrea Costa (à esq.) e Pietro Nenni





Acima, à esq., Ramdane Touhami posa na poltrona De Stijl, de Gerrit Rietveld; acima, à dir., no quarto, banco de Michael Thonet, luminária de piso de Audoux & Minet e bandeira regimental da Infantaria Asafo, de Gana; abaixo, à esq., outro ângulo do quarto exibe cama napolitana do séc. 19 e cadeira de Vittorio Nobili; e, abaixo, à dir., mesa M (da série Lang), design Philippe Starck para a Driade. Na pág. anterior, aparador de Paolo Buffa, cadeira Wicker, de Marc Newson, e banquinho de Charlotte Perriand





MESMO NO PALAZZO BORGHESI, RAMDANE JAMAIS ABRIRIA MÃO DE SUA IRREVERÊNCIA CARACTERÍSTICA

Ramdane Touhami posa em frente a uma estante repleta de estatuetas da sua coleção.
Na pág. seguinte, do terraço, vista do pátio do Palazzo Borghese



ARTE E FONTE



Uma poderosa coleção inspira a designer
de interiores Marina Linhares
a transformar esta casa paulistana
em uma galeria nada comum

TEXTO CAROL SCOLFORO **FOTOS** RUY TEIXEIRA

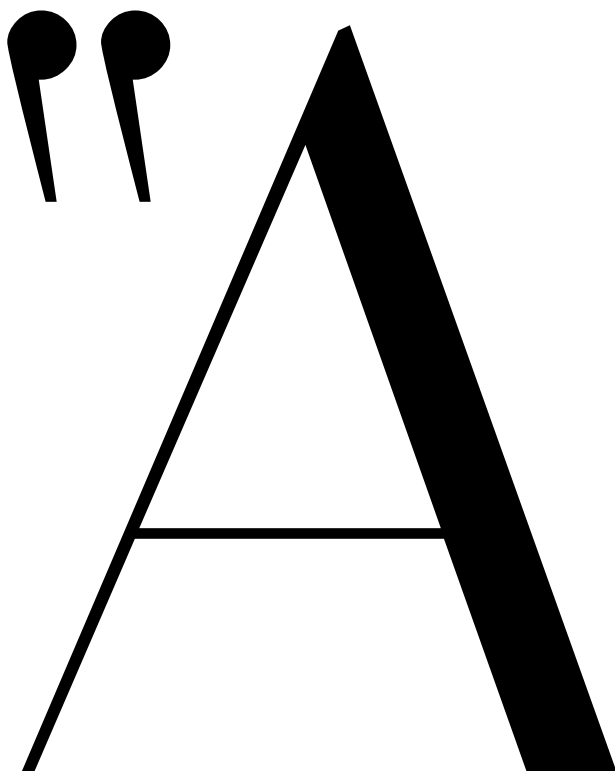


Na passagem do living para o
escritório, instalação *O Silêncio
Que Precede* (2014), de Jorge
Fonseca, ao lado de escultura
Pêndulo (2012), de Artur Lescher.
Na pág. anterior, no jardim,
escultura *Na Medida do Impossível*
(2014), de Flávio Cerqueira

No living, o mobiliário inclui (da esq. para a dir.) mesa lateral na Ana Luiza Wawelberg, com abajur Paola, de Isabelle de Mari, da Olho, poltrona PL1, de Percival Lafer, reeditada pela Etel, sofás Bass, de Jader Almeida, com almofadas da Entrepasto, mesa lateral Pétala, de Jorge Zalsupin, par de poltronas Navona, de Sergio Rodrigues, e mesa de centro de Zanine Caldas, tudo sobre tapete da Botteh – entre as obras, objeto metalizado *Porca* (2023), de Iran do Espírito Santo, tela *Mamanguá* (2011), de Luiz Zerbini (no centro), e diptico *Sem Título* (2014), de Philippe Decrauzat, na Parra & Romero







Arte é fonte de inquietude, inspiração... Arte é fonte", sentencia Marina Linhares. Apresentada a uma coleção poderosa nesta residência em São Paulo – daquelas que interrompem o curso comum das coisas –, a designer de interiores sentiu um misto de privilégio e humildade. "Pensei: 'Nossa! Que maravilha. Deixa eu aprender um pouco'", lembra. A força desse cenário tem reflexo imediato em sua linguagem, enriquecendo as camadas que ela propõe – característica que eleva seu trabalho há mais de 30 anos.

Assim como nenhum imóvel se repete para Marina, o ineditismo desta história é precioso. Curiosamente, começa com elementos familiares a ela. "O casal se mudou para uma residência bastante contemporânea que eu já conhecia", conta. "Eles queriam um lar mais acolhedor, onde sentissem um vínculo maior, inclusive com o filho pequeno correndo por perto. Sonhavam com um diálogo interno verdadeiro."

A partir disso, a designer colocou o cuidado com a escala e com o pé-direito amplo como prioridade. Imaginar as conversas de quem viveria ali deu um norte para o desenho, resolvido com um layout intimista, e sofás dispostos nesses círculos em que o tom da fala soa mais baixo e natural. Uma leitura fina do dia a dia. "Meu objetivo é sempre pensar de outro jeito. O uso da casa é algo inusitado e me desprendo do que é certo e errado ao focar na vida do morador", observa. Isso explica dois living's diferentes e o

escritório perto do estar, que inclui espaço para o menino brincar. "O surpreendente está na maneira como a casa foi disposta", completa.

Para atender ao pedido de acolhimento, a designer optou por esquentar as cores. "Sempre tenho ajuda dela, a cor" – aqui usada num viés mais feminino. Na escolha do mobiliário, por sua vez, o modernismo brasileiro encontrou sintonia com o acervo e com peças contemporâneas de personalidade própria – vide o bufê Marinho, de Ricardo van Steen, na sala de jantar. O segredo é o tamanho da dose. "Diante de uma coleção de arte, a decoração pode voar mais baixo, com equilíbrio."

Marina ama design, mas quando quer se cutucar – palavra dela para falar de evolução criativa –, corre para as exposições e galerias de arte. "Há peças muito impressionantes neste projeto: uma delas é o violino em uma pedra, coisas que dificilmente se veem juntas, uma coleção realmente incrível." Esse olhar especial para as obras foi lapidado desde o início de sua carreira. "Quando comecei a trabalhar, aos 20 anos, visitava casas de quem já tinha arte – peças mais decorativas, gravuras. Não eram muitas as pessoas que prestavam atenção na arte. Comecei a ir a galerias e isso fez muito bem ao meu trabalho. Lembro de quadros importantes que via nessas residências e sentia a diferença de atmosfera", afirma. Dessa fonte, Marina nunca parou nem pretende parar de beber. ●

Na pág. seguinte, no alto, a sala de jantar tem bufê Marinho, de Ricardo van Steen, na Jequitibá, mesa Bizzet, de Jader Almeida, e cadeiras Carrie, design Patricia Anastassiadis para a Artefacto, sobre tapete da Botteh – nas paredes (da esq. para a dir.) obras *Vibrações em Vermelho* (1995), de Arcangelo Ianelli, na Aloisio Cravo, objeto cinético K-66 (1966), de Abraham Palatnik, e *Aberración I* (2025), de Marco A. Castillo, ambos na galeria Nara Roesler; e, abaixo, no living, bufê de Jorge Zalszupin para a L'Atelier, na Galeria Teo, e telas de José Pancetti, na Tableau, e de acervo pessoal

ines249







“DIANTE DE UMA COLEÇÃO DE ARTE, A DECORAÇÃO PODE VOAR MAIS BAIXO” MARINA LINHARES

Acima, à esq., no hall de entrada, as caixas de acrílico guardam a obra *Vitórias Régias para Rio Cocó IV* (2013), de Ana Maria Tavares, na Galeria Vermelho, ao passo que as esculturas *Gota de Vidro Plano Lâmina 1* (2012) e *Pagão 3 – Violino* (2009), ambas de Nuno Ramos, figuram no piso; e, acima, à dir., no detalhe da sala de jantar, mesa Triangular, de Joaquim Tenreiro, e obra *Dubai Clock* (2014), de Daniel Arsham. Na pág. anterior, o espaço anexo ao living reúne mesa Guarujá e cadeiras Del Rey, tudo de Jorge Zalszupin, estante desenhada pelo escritório Marina Linhares Interiores e executada pela Marcenaria Lisboa, na companhia do objeto de metal e náilon *Anello* (1971), de Jesús Rafael Soto, da escultura *Salvação* (2016), de Flávio Rossi, na Galeria Luis Maluf, ambos em estruturas de acrílico, e da tela *Sem Título* (s.d.), de Amilcar de Castro – no jardim, escultura *Dorso de Mulher* (1970), de Bruno Giorgi



"ME DESPRENDENDO DO QUE É CERTO E ERRADO AO FOCAR NA VIDA DO MORADOR" MARINA LINHARES

Acima, à esq., o quarto leva cama Dora, da Casapronta, mesa de cabeceira Camel, da Quartos Etc., com abajur da Cris Bertolucci, penteadeira do acervo dos moradores e banco na Ana Luiza Wawelberg, tudo sobre tapete da Botteh; e, acima, à dir., no home theater, tela *Sem Título* (s.d.) e escultura *Mesa Posta* (2010), ambas de Marina Weffort, na Galeria Marília Razuk. Na pág. seguinte, em outra sala, a escultura *Sem Título* (1959), de Dolly Moreno, na casa de leilão James Lisboa, é ladeada (*em sentido horário, a partir da tela azul, à esq.*) pelas obras *Esmeralda IV* (2013), de Sandra Cinto, na Galeria Triângulo, *Boiadeiros* (1938), de Di Cavalcanti, na Tableau, *Trama* (2007), de Arthur Luiz Piza, na Galeria Raquel Arnaud, e *Sem Título* (2013), de Daniel Senise, na galeria Silvia Cintra + Box 4 – no ambiente ao lado, escultura *Sem Título* (1979), de Frans Krajcberg



LAST LOOK



Famosa pelas residências artísticas que promove em seu impressionante conjunto arquitetônico, a Casa Wabi, fundação do mexicano Bosco Sodi, acaba de receber o reforço de um novo pavilhão assinado pela filial nova-iorquina do OMA, de Rem Koolhaas. Coordenado pelo arquiteto Shohei Shigematsu, o escritório assina o Mushroom Pavilion, desejo antigo do idealizador da iniciativa. “Sempre fui fascinado por cogumelos e achei que seria uma boa ideia ensinar seu cultivo para as pessoas do nosso entorno, como opção de alimentação saudável e uma fonte de renda extra”, conta Sodi. O formato ovalado da construção, que agora faz parte do complexo em Puerto Escondido, no México, minimiza o contato da arquitetura com o solo, preservando ao máximo a paisagem natural e a vegetação rasteira. Feita de concreto, recebeu uma “selagem” externa de juta para retenção de umidade. Tal como o meio ambiente, o pavilhão sofrerá oxidação por conta da água rica em ferro do local, mudando sua aparência com o tempo. Já os espaços internos foram pensados para abrigar as diferentes fases do processo de cultivo dos cogumelos, enquanto permitem interações entre as pessoas. “O resultado é um incubador, tanto para o alimento quanto para a comunidade, apto a apoiar atividades para moradores, visitantes e a fundação”, pontua Shigematsu. casawabi.org

TEXTO ADRIANA MORI **FOTO** RAFAEL GAMO/DIVULGAÇÃO

**A
GENTE
QUER
TE CONTAR
MAIS
SOBRE A**

TERRA



ACESSE E
FAÇA PARTE
DESSA CAUSA

O **Um Só Planeta** é o maior movimento editorial brasileiro de combate à crise climática.

Aqui você encontra reportagens exclusivas, podcasts, vídeos, newsletters e lives para ficar bem informado sobre o que acontece com a Terra e fazer a sua parte na construção de um futuro sustentável.

Contamos com você. Vem com a gente!
Somos Um. Só. Planeta.

PATROCÍNIO

APOIO

PARCERIA

REALIZAÇÃO



EDIÇÕES | GLOBO CONDÉ NAST



ines249

BRETON

NOVA COLEÇÃO / CÍRCULOS

POLTRONA TORI POR BRUNO NIZ, POLTRONA LUMEN POR VICTOR VASCONCELOS, E CADEIRA IZABEL POR LUISA MOYSÉS.



ACOMPANHE OS LANÇAMENTOS BRETON 2026
EM **BRETON.CO** E **@BRETONOFICIAL**

@BRETONOFICIAL



WWW.BRETON.CO